



Miguilim

revista eletrônica do netli
Vol. 2, Núm. 2, Maio-Ago 2013

O ESPAÇO E O TEMPO EM "GRANDE SERTÃO: VEREDAS"



SPACE AND TIME ON "GRANDE SERTÃO: VEREDAS"

Maria Aparecida Silva Marinho (UESPI)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 25/06/2013 • APROVADO EM 29/09/2013

Abstract

This study aims to analyze the time and space in the book "Grande Sertão: veredas" by João Guimarães Rosa focusing on the influence that they have on the character's actions before the world that is, this world that presents itself differentiated and enigmatic, mystical and sublime. Being one of the most important works of Brazilian literature "Grande Sertão; veredas" is praised by both the language as well as their values human diversity theme, charms and magic and his absolute symbolic power. This analysis will be undertaken in the light of some theorists such as Mikhail Bakhtin, Antônio Cândido, Paul Ricoeur, Jean-Paul Sartre and Osman Lins.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o tempo e o espaço na obra "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa focalizando a influencia que os mesmos possuem sobre as ações do personagem diante do mundo em que se encontra, mundo este que se apresenta de maneira diferenciada e enigmática, mística e sublime. Sendo uma das obras mais importantes da literatura brasileira "Grande Sertão: Veredas" é exaltada tanto pela linguagem como também pelos seus valores humanos, a diversidade temática, encantos e magia e por seu

absoluto poder simbólico. Essa análise será realizada à luz de alguns teóricos como: Mikhail Bakhtin, Antônio Cândido, Paul Ricoeur, Jean- Paul Sartre e Osman Lins.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Time. Space. Grande Sertão: Veredas. Guimarães Rosa. Riobaldo.

PALAVRAS CHAVE: Tempo. Espaço. Grande Sertão: Veredas. Guimarães Rosa. Riobaldo.

Texto integral

1 INTRODUÇÃO

Publicada no ano de 1956 “Grande Sertão: Veredas” deixou a literatura brasileira em estado de choque. As inovações na maneira de escrever o romance causou uma impressão muito forte para o público leitor que pôde apreciar a mais nova obra de arte de Guimarães Rosa, que fez tanto sucesso, sendo imediatamente traduzida para outras línguas. Seu valor é tão inestimável que já recebeu alguns prêmios nacionais importantíssimos. Pertencente ao pós- Modernismo, ao lado de outros escritores renomados como Clarice Lispector, Guimarães Rosa introduz em seu romance algumas das tendências contemporâneas como: a análise psicológica das personagens, o realismo fantástico e o regionalismo, marcas fortíssimas encontradas no estilo rosiano em “Grande Sertão: Veredas”.

A precisão com a qual Rosa descreve o espaço torna constante a veracidade da obra, o próprio sertão é supostamente o espaço geográfico da narrativa. Guimarães Rosa apresenta o tempo na narrativa de Riobaldo que através do fluxo da memória recorda o passado - a vida de jagunço -, o que mostra que a obra não segue uma sequência cronológica linear. Como mostra os trechos a seguir:

“Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos: onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador, é onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oeste. Mas hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, os navegantes: culturas que vão de mata em mata... o sertão está em toda parte.” (GSV p.1)

“Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo uma fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma não guardava fé e nem fazia parte.

Abalado desse tanto, transtornei um imaginar. Só não quis arrependimento: porque aquilo sempre era começo, e descoroçoamento era modo-de-matéria que eu já tinha aprendido a protelar. (GSV, p. 121)



A ausência de coordenadas e referências mais claras e objetivas sobre o percurso do herói poderia tornar frustrante as expectativas do leitor, essa ausência torna a história fragmentada e distorcida, esse efeito reflete no leitor, o que faz muitos desistirem da leitura ainda nas primeiras páginas. O narrador, através das digressões, faz alternâncias do tempo da narrativa conforme ele próprio deseja e aspira.

Nesse longo labirinto que Guimarães Rosa representa em “Grande Sertão: Veredas” podemos observar quão grande é a importância do espaço como elemento estrutural da narrativa que acompanha e define as ações do personagem. Os efeitos, sensações e emoções que acarretam uma atmosfera momentânea, onde alguns espaços representam um fato marcante, seja ele bom ou ruim.

Em “Grande Sertão: Veredas”, Guimarães Rosa descreve um mundo usando como principais referências a paisagem e o homem do sertão aprofundando-se até o interior desse homem para tentar entender as inquietações, as preocupações e as dúvidas que movem o ser humano e os levam a enveredar pelos diversos caminhos obscuros da vida.

A obra “Grande Sertão: Veredas” é, portanto, a representação do passado através da memória. Os acontecimentos que são narrados fluem dos lapsos de memória, das lembranças do herói, que narra principalmente o que lhe deixou marcas mais fortes. O que sustenta o romance é a ideada existência de Deus e do demônio, do bem e do mal, por isso é que é universal, por tratar de questões humanas, questões que prendem a atenção do leitor. O aspecto da linguagem faz a obra ser única e singular, com um estilo próprio e bem elaborado, o romance rosiano adentra-se no linguajar regional causando um forte e surpreendente impacto na nossa literatura brasileira. É essa junção do pitoresco com o erudito e com os demais recursos estilísticos que coloca a obra de Guimarães Rosa em um nível mais elevado.

2 A TRANSFIGURAÇÃO ESPAÇO – TEMPORAL NA NARRATIVA DE RIOBALDO



Separar espaço e tempo dentro da narrativa colocando-os em categorias diferentes seria uma tentativa frustrante e até mesmo inaceitável, pois ambos possuem funções que determinam o sentido, a finalidade, o significado, a própria vida do romance. É por esse motivo que LINS afirma que “o espaço e o tempo na narrativa são indissociáveis”, o que se pode fazer é focar mais um do que o outro, mas nunca tentar separá-los. É com base neste preceito que LINS afirma:

A narrativa é um objeto compacto e inextrincável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros... é viável aprofundar numa obra literária, a compreensão do seu espaço ou do seu tempo, ou de um modo mais exato, do tratamento concedido, aí ao espaço ou ao tempo: que função desempenham, qual a sua importância e como os introduz o narrador... O estudo do tempo ou do espaço num romance, antes de mais nada, atém-se a essa universo romanesco e não ao mundo.” (LINS, 1976, p. 63-64)

Segundo Lins, o espaço e o tempo são “entidades unas e misteriosas... Acessíveis à experiência imediata e esquivos às interrogações do espírito, sugerem – espaço e tempo – múltiplas versões, como se monstros fabulosos” (LINS, P.63). Espaço e tempo são, portanto, categorias inseparáveis que não possuem um único conceito, uma única função. São inúmeras as teorias que tentam redefini-las, mas ainda assim seriam insuficientes diante da grande e abrangente dimensão que ocupa.

Em “Grande Sertão: Veredas”, Rosa apresenta o espaço de várias formas, por vários ângulos. Rosa acrescenta ao espaço uma espécie de efeitos mágicos e fantasiosos capazes de causar nos personagens os mais diversos e variados tipos de reações sejam elas agradáveis ou repugnantes.

É no deslocar, sair de um lugar para outro que Riobaldo vê as mudanças ocorridas em sua vida. O personagem no início da sua vida de jagunço é definido de uma maneira, “eu fazia e mexia e pensar não pensava. Vivi puxando difícil de difícil...”. A profissão que exerce obriga-o a assumir outra postura, o meio também

faz suas imposições, “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias.” (G.S.V. p. 11). Este fato o impulsiona e lança-o nas diversas veredas da vida. Movido pelas sensações, dúvidas, angústias, seu caminho é traçado por diversas transformações, “O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida mencionou.” (G.S.V. p. 15)



No romance encontram-se lugares que parecem surgir a partir do olhar do personagem, é como se a paisagem estivesse sendo criada no momento da travessia, como num passe de mágica, encantando-os de maneira deslumbrante. Para Candido, a paisagem “rude e bela, é de um encanto extraordinário.” (CANDIDO, p. 123) como mostra o trecho a seguir:

“Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a cigarrinha, roxa, e a nhiéca e a escova, amarelinhas... Debaixo de um tamarindo sombroso. Eh, frio! Lá geia até em costas de boi. E tinham o xenxém, que tintipiava de manhã no revovedo, osaci -do - brejo, a doidinha, a gangorrinha, o tempo quente, ... e as arara enlouquecidas.(G.S.V,p.18,19)

Seria quase que impossível marcar com precisão todos os espaços que se encontram na obra “Grande Sertão: Veredas”, pois essa variedade de lugares parece ser infinita e inalcançável aos nossos olhos, Candido afirma “O mundo de Guimarães Rosa parece esgotar-se na observação”. (CANDIDO p. 124). Segundo Candido:

“No liso do Sussuarão há um abafamento de deserto, cuja recusa e aridez penetram nos personagens e no leitor, cerceando a vontade. A planície do Tamanduá-tão se entende ao pé dos morros, delimitada e pronta para o grande combate. Plainos onde se galopa, serras onde cavalos se arrastam; campos cinzentos, com taperas de palma ou fazendões de adobe; várzeas floridas e povoados. A cada tangível desse Norte de Minas, estendido até o Piauí, onde o homem do Sul é estranho.

A narrativa é entrelaçada pelo real e pelo imaginário, assim com há lugares que realmente existem tanto no romance como também fora do romance, existem lugares que não passam de pura ficção que existem somente no mundo do Riobaldo que segundo Candido:



“Premido pela curiosidade o mapa se desarticula e foge. Aqui, um vazio; ali uma impossível combinação de lugares; mais longe uma rota misteriosa, nomes ideais. E certos pontos decisivos só parecem existir como invenções. Começamos então a sentir que a flora e a topografia obedecem frequentemente a necessidade da composição; que o deserto é sobretudo projeção da alma, e as falas vegetais que simbolizam traços afetivos. (CANDIDO, p. 124)

O Liso Suçuarão, um dos espaços mais importantes da obra, apresenta-se de maneira simbólica e fantasiosa. O Liso do Suçuarão representa as grandes mudanças ocorridas na vida de Riobaldo, um espaço imaginário criado por Rosa talvez com o intuito de causar tensão no leitor. O Liso é, portanto, um espaço irreal, como mostra o trecho a seguir:

“Depois, de arte: que o Liso do Suçuarão não concedia passagem a gente viva, era o raso pior havente, era um escampo dos infernos... Também onde se forma calor de morte... Esse, liso do Suçuarão, é o mais longe – pra lá, pra lá, nos ermos. E emenda com si mesmo. Água não tem. Crer que quando agente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre.” (G.S.V. p. 25)

Podemos perceber, então, que o Liso seria o que LINS chama de “espaço rarefeito e impreciso” (LINS, p.65), criado talvez para agir sobre o personagem proporcionando-lhe a mudança de perfil, Segundo Lins:

Há desígnios preciosos ligados ao problema espacial: intenta-se, por um lado, concentrar o interesse nas personagens ou nas motivações psicológicas que as enredam: pode ser também que se procure insinuar – mediante a rarefação e a imprecisão do espaço – que essas mesmas personagens e as relações entre elas são mais ou menos gerais, eternas por assim dizer, carentes, portanto de significado histórico ou sociológico: de significado circunstancial. Entretanto inclusive neste caso, alcançam em geral vibração mais intensa aquelas obras onde o espaço atua com seu poso.” (LINS 1976, p. 65)

Para Candido o Liso é “Simultaneamente transponível e intransponível, porque a sua natureza é mais simbólica do que real. O autor dá algumas indicações aproximadas da sua localização”. (CANDIDO, P. 126) e acrescenta ainda que “além da lagoa Suçuarana, que os mapas registram, deve haver uma dura caatinga”.

(CANDIDO, P. 126) Afirma que “No livro, porém, o que se interessa é o seu mistério; ele varia conforme circunstâncias que nada têm a ver com a geografia e que se explicam por outros motivos.” (CÂNDIDO, p. 126).



Essa simbologia e esses efeitos irrealistas que Candido aborda são visíveis no trecho abaixo:

“O que era, no cujo interior, o Liso do Suçuarão? – era um feio mundo, por si exagerado. O chão sem se vestir, que quase sem seus tufos de capim seco em apraz e apraz, e que se ia e ia, até não onde a vista não se achava e se perdia. Com tudo, que tinha de tudo. Os trechos de plano calçado rijo: casco que fere faíscas – cavalo repisa em pedra azul. Depois o frouxo, palmo de areia de cinza em – sobre pedras. E até barrancos e morretes. Agente estava encostada no sol. Mas com a sorte nos manda, o céu enuveou, o que deu pronto mormaço, e frescos. Tudo de bom socorro, em az. A uns lugares estranhos.” (G.S.V. p. 448)

O Rio São Francisco apesar de ser real, também possui todo um encanto e magia e representa um dos espaços principais da obra, pois às margens do Rio São Francisco Riobaldo viveu as diversas transformações. “O São Francisco partiu minha vida em duas partes”, (G.S.V. p. 271) Riobaldo já não era o mesmo. Cândido chama atenção para a função do Rio São Francisco dentro do romance, sendo a seguinte:

“Percebemos com efeito que ele divide o mundo em duas artes qualitativamente diversas: o lado direito e o lado esquerdo, carregados do sentido mágico-simbólico que está diversão representa para a mentalidade primitiva. O direito é o fasto; nefasto o esquerdo. Na margem direita a topografia parece mais nítida, e as relações mais normais... Na margem esquerda a topografia parece fugida, passando a cada instante para o imaginário em sincronia com os fatos estranhos desencontrados que se sucedem”. (CANDIDO, p. 124 – 25)

Podemos perceber que o Rio apresenta a possível divisão entre o bem e o mal. O lado direito representa o bem e o lado esquerdo, o mal. A margem direita representa o amor, a alegria, o sossego, a tranquilidade, a amizade, a justiça; todos os sentimentos bons. Na margem esquerda estão os sentimentos ruins como: o ódio, a tristeza, a injustiça. O lado direito; de Diadorim, do chefe dos jagunços Joca

Ramiro, personifica a vida. É como se a margem direita estivesse sob o comando de Deus. O lado esquerdo; do inimigo Hermógenes, da vingança, das veredas – mortas, personificam a morte. Quem comanda esta margem é o demônio.



Toda a travessia de Riobaldo e seus companheiros pelo sertão é movida por inquietações e dúvidas sobre a existência de Deus e do demônio, essas inquietações direcionam Riobaldo a lugares estranhos e sombrios como as veredas – mortas, lugar em que suspeita-se que Riobaldo tenha feito um possível pacto com o demônio. Riobaldo descreve com precisão esse espaço, como podemos verificar no trecho abaixo:

“Elas tinham um nome conjunto – que eram as veredas mortas. O senhor guarde bem. No meio do cerrado, ah, no meio do cerrado, para agente dividir de lá e ir, por uma ou por outra, se via uma encruzilhada. Agouro? Eu creio no temor de certos pontos. Tem, onde o senhor encosta a palma – da – mão em terra, e sua mão treme pra traz ou é a terra que treme se abaixando. Agente joga um punhado dela nas costas – e ele cheira a outoras... Uma encruzilhada, e pois o senhor vá guardando ... Aí mire e veja: as veredas – mortas ... Ali eu tive limite certo”. (G.S.V. p. 353)

A busca pelas respostas que possam esclarecer as constantes dúvidas de Riobaldo o leva às veredas – mortas, lugar que apresenta uma atmosfera sombria, assustadora, onde ele espera encontrar-se com o demônio, como mostra o trecho a seguir:

“Ao que não vinha – lufa de um vendaval grande, com ele em torno, contravisto, sendo de estadadela bem no centro. O que eu agora queria! Ah, acho o que era meu, mas o que desconhecido era, duvidável... Mas, Ele – o Dado, o Danado – sim: para se entestar comigo – eu mais forte do que O Ele: do que o pavor d’Ele. Nós dois, e o tornopio do pé – de – vento o ró girando mundo afora, no dobar, funil de final, desses redondinhos:... O Diabo, na rua, no meio do redemoinho... Ah, ri; ele não; - Deus ou o Demo – para o jagunço Riobaldo!” Como era que isso se passou?... Sapatee, então me assustando de que nem gota de nada sucedia, e a hora em vão passava. Então, ele não queria existir? Existisse. Viesses! Chegasse, para o desenlace desse passo. – “Lúcifer! Satanás!”... Só outro silêncio. – “Ei, Lúcifer! Satanás, dos meus infernos!” E foi ai. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado.” (G.S.V. p. 371)

Rosa cria dentro da narrativa um espaço tão misterioso, capaz de arrastar o personagem Riobaldo a vivenciar de maneira mais complexa, as diversas experiências nunca antes pensadas por este. Talvez as veredas-mortas represente o ponto culminante do romance. Temos então o que Lins chama de “espaço inacessível”, pois existe apenas no mundo de “Grande Sertão: Veredas” é acessível apenas aos personagens do romance e não ao mundo real. A não existência das veredas – mortas é comprovado pelo próprio Riobaldo em um dos fragmentos da obra:



“Desapoderei. Aonde ia, eu retinha bem, mesmo na doidagem. A um lugar só: as veredas-mortas ... De volta, de volta. Ai eu vinha. Chapadão. Morreu o near, que foi. Eu vim. Pelejei. Ao desdar... O dito, vem, consoante traçado. Num lugar, o Tuim, me alembro: eu tive de mudar para outro cavalo. E um sitiante, no lambe – mel, explicou – que o trecho, dos marimbus, aonde íamos, e chamava mais certo não era veredas – mortas, mas veredas – altas ... Coisa que compadre meu Quelemém me confirmou”. (G.S.V. p. 532)

As mudanças comportamentais do personagem, os atos e ações que o mesmo apresenta demonstram que o pacto realmente possa ter acontecido. “a mudança do ser” (CANDIDO, P.133), o nome passa a ser outro “ Urutú Branco”. É como se uma força maior o dominasse tornando-o agressivo, feroz.

“Em Grande Sertão: Veredas, Riobaldo sai transformado,-- endurecido, arbitrário, roçando a crueldade, na prepotência das funções que logo assume, em contraste com a situação anterior, em que as tinha rejeitado. Mesmo seu sentimento por Diadorim, tinha permanecido nos limites da dúvida, ou pelo menos da severa repressão, despontacom certa agressividade, como se os impulsos estranhos (dada aignorânciado verdadeiro sexo do amigo) tendessem agora a manifestar-se, com a sanção do pacto”. (CANDIDO, p. 133)

Para Candido“esta transformação, este ingresso numa certa ordem de ferocidade adequada à vitória,“” é completada por outros sinais de carátermágico, comoa adoção do nome de guerra agora assumido no seu significado pleno: Urutu Branco”. Como se sabe, “os ritos depassagem comportam muitasvezes a atribuição ou acréscimo de um nome, ou revelação do nome verdadeiro, conservado secreto”. (CANDIDO, p.133)

Existe ainda no sertão rosiano mais três espaços muito bem enfatizados na obra por representar grande importância na vida de Riobaldo. A Guararavaçã do Guaicuí, a Aroeirinha e a Fazenda Santa Catarina são lugares que marcam profundamente a vida do personagem. São espaços que Riobaldo gosta de relembrar, porque em cada um ele viveu momentos bons e especiais com cada um dos seus amores. Três lugares, três amores; cada um vivenciado de maneira diferente.

É na Guararavaçã do Guaicuí que Riobaldo descobre que realmente gosta de Diadorim:

“A Guararavaçã do Guaicuí: o senhor tome nota desse nome... Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados . Será que tem um ponto certo, dele a gente não podendo mais voltar pra trás? Travessia de minha vida . Guararavaçã. O senhor vá escutando . Aquele lugar. O ar. Primeiro fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei __ na hora. [...] o nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente __ “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo?” (G.S.V, p. 252, 254)

Na Aroeirinha Riobaldo encontrou Nhorinhá (filha de Ana Duzuza) por quem teve grande afeto e carinho. Mesmo sabendo que ela era meretriz Riobaldo não deixou de apreciar seus encantos, como mostra o trecho a seguir:

“Digo: outro mês, outro longe __ na Aroeirinha fizemos paragem. Ao que num portal, vi uma mulher moça, vestida de vermelho, se ria. Tão bonita, só. Se chamava Nhorinhá. Recebeu meu carinho no cetim do pelo. Alegria que foi, feito casamento, esposal. Ah, amangaba boa só se colhe já caída no chão, de debaixo... Nhorinhá __ filha de Ana Duzuza. Ah, não era rejeita... Ela quis me salvar? De dentro das águas mais clareadas... Nonada! A mais, com aquela grandeza, a singeleza: Nhorinha puta e bela. E elarebrilhava, para mim, feito itamotinga.” (G.S.V, p. 24, 19)

Na fazenda Santa Catarina Riobaldo rendeu-se aos encantos de Otacília por quem se apaixonou e com quem se casou mais tarde. Para Riobaldo, Otacília

representava a calma, a tranquilidade, a mais bela e doce criatura, como podemos observar no trecho abaixo:

“Otacília, o senhor verá, quando eu lhe contar – ela eu conheci em conjuntos suaves, tudo dado e clareado, suspendendo se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase. A fazenda Santa Catarina, nos Buritis – Altos cabeceira de vereda. Otacília, estilo dela, era toda exata, criatura de belezas... [...] Moa de carinha redonda, entre compridos cabelos. E o que mais foi, foi um sorriso. Isso chegasse? As vezes chega, às vezes. Artes que morte e amor tem paragens demarcadas. No escuro. Mas sente: me senti. Águas para fazerem minha sede. Ah, a mocidade da gente reverte em pé o impossível de qualquer coisa! Otacília. O prêmio feito esse merecia? (G. S. V, p. 119, 135)

A narrativa de Riobaldo parece ultrapassar o espaço com todos os seus limites e formações adentrando em todas as veredas possíveis de se trilhar, afunilando-se do real ao imaginário é que se dá a travessia “Eu atravesso as coisa – e no meio da travessia não vejo! Só estava era entretido na ideia lugares de saída e de chegada.” (G.S.V. p. 26). A vida apresenta-se vulnerável e a todo instante exposta ao perigo, “viver é negócio perigoso...” (G.S.V. p. 132). A vida de jagunço requer muita coragem, pois “Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quebrada,” (p. 92) parece quase que impossível fugir do fogo porque “O sertão é do tamanho do mundo” (G. S. V. p. 60)

Em “Grande Sertão: Veredas” o tempo é psicológico. O herói conta sua trajetória pelo sertão usando as recordações passadas, da vida de jagunço. Toda a obra é cortada por lapsos de memória, o personagem molda o tempo conforme ele mesmo deseja e aspira. Esses efeitos de recortes na narrativa faz com que o leitor vivencie essa alternância do tempo, ora nos deparamos com Riobaldo ainda jovem, percorrendo as veredas do sertão, ora nos vemos frente com um Riobaldo já velho, ex-jagunço. A obra é, portanto, um relato através da memória.

É como se o romance estivesse sendo montado aos poucos, peça por peça, como um quebra – cabeça. Riobaldo narra um fato que logo mais adiante dará continuidade a outro, as lembranças vão fluindo e vão sendo ordenadas e apresenta dificuldades de compreensão para o leitor.

Há, portanto, uma volta no tempo, um giro pela memória, uma transição entre o passado e o presente. As recordações do passado despertam no herói a saudade. Saudade da vida de jagunço, das aventuras, dos companheiros e saudade principalmente de Diadorim, com quem viveu vários momentos. “Diamar, deamo.. Relembro Diadorim”. (G. S. V. p. 30).

As lembranças de Riobaldo, em sua maioria, estão associadas a imagem de Diadorim. Algumas coisas o fazem recordar os momentos que estiveram juntos durante a travessia como podemos perceber no trecho a seguir:

“por mim, só, de tantas minúcias, não era capaz de me lembra, não seu de à parada pouca coisa; mas a saudade me alembra. Que se hoje fosse. Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei... Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas. Quase que agente não abria a boca; mas era um delém que me tirava para ele – o irremediável extenso da vida.” (G. S. V. p. 20).

O próprio personagem alerta sobre o narrar algo que aconteceu no passado, sobre as marcas que ficaram na memória, até que ponto as recordações condizem com verdade. Isso serve para despertar certas dúvidas com relação ao que é narrado. Talvez o herói queira alertar o leitor sobre possíveis inverdades contadas durante a narrativa, o que leva o leitor a pensar e refletir sobre o realmente aconteceu, o que pode ser verdade, o que pode ser mentira e o que é apenas invenção do personagem perceptível no trecho abaixo:

“Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado”. (GSV, p. 159).

Riobaldo apresenta o tempo de maneira bastante criativa adequando-o conforme deseja, descrevendo ações que indicam a evolução temporal perceptível no trecho que segue:

“Milho crescia em roças, sabiá deu cria, gameleira pingou frutinhas, o pequí amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e caju nos campos. Ato que voltaram as tempestades, mas entre aquelas noites de estrelaria se encostando. Daí, depois, o vento principiou a entortar rumo, mais forte _ porque o tempo todo das águas estava no se acabar”. (GSV, p. 265)



No fragmento acima percebemos que o tempo não é contado cronologicamente, mas as ações explícitas demonstram o transcorrer das horas, dos dias, dos meses e dos anos.

Paul Ricoeur em seu ensaio sobre A Memória, A História, O Esquecimento usa a afirmação de Aristóteles, segundo a qual “a memória é tempo” (p.27). A memória liga-se diretamente a tudo que está no passado, que de uma maneira ou de outra, foi vivenciado, portanto, o passado associa-se ao tempo. A recordação é um exercício para se chegar à memória. “O ato de lembrar (mnêmoneuein) produz-se quando transcorreu um tempo (prinkhronisthênai). E é esse intervalo de tempo, entre a impressão original e seu retorno, que a recordação percorre”. (RICOUER, p.37):

“A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rosa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido, desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. (G. S. V. p. 82)

Podemos observar que a intensidade dos fatos conseguem deixar marcas mais profundas na memória. É essa intensidade que move a busca dessas lembranças, principalmente as boas, as que representam os melhores momentos vividos, contrapondo-se ao esquecimento, pois preferimos lembrar do que é bom e apagar da memória o que aconteceu de ruim. “Assim, o esquecimento é designado obliquamente como aquilo contra o que é dirigido o esforço de recordação”. (RICOEUR, p. 46). Segundo Ricoeur:

“Uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado; desse ponto de vista, as deficiências procedentes do esquecimento não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas com avesso de sombra iluminada da memória, que nos liga ao que se passou antes que o transformássemos em memória. Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que de que declaramos nos lembrar”. (RICOEUR, p. 40)

Paul Ricoeur enfatiza também sobre a memória que guardamos de alguns lugares e o que esses lugares podem trazer de recordação, os sentimentos que são desertados, para Ricoeur:

“É na superfície habitável da terra que nos lembramos de ter viajado e visitado locais memoráveis. Assim, as “coisas” lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos sobre uma coisas que aconteceu, que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constituiu o fenômeno dos “lugares de memória”, antes que ele se torne uma referência para o conhecimentos histórico”. (RICOEUR, p. 57, 58)

Em “Grande Sertão: Veredas” há vários lugares memoráveis pelos quais Riobaldo realizou sua travessia e relembra-os enquanto narra sua vida de jagunço. São lugares que parecem ser inesquecíveis para o herói, “Deixamos para traz aquele lugar, que disse ao senhor para mim tão celebre – A Guararavacã do Guaicuí, do nunca mais”. (G. S. V. p. 262). Há lugares que marcaram tanto o narrador a tal ponto de acarretar grandes mudanças no mesmo, “O São Francisco partiu minha vida em duas partes”. (G. S. V. p. 271). Segundo Ricoeur, para Aristóteles “a distinção do antes e depois é o discriminante do tempo em relação ao movimento”. (RICOEUR, p. 59).

Rosa entrelaçou o espaço e o tempo proporcionando aos personagens a realização da travessia. O autor possui total domínio sobre a obra que é capaz de definir os personagens e até que ponto o espaço e o tempo virão interferir no mundo do romance. Rosa usa, portanto, o sertão como uma metáfora para falar de um mundo real.

“Grande Sertão: Veredas” é uma obra muito complexa, não se limita a abordar apenas um assunto, pelo contrário, podemos encontrar uma diversidade temática para todos os gostos, Candido afirma:



“Na extraordinária obra-prima Grande Sertão: Veredas há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecável, realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício: mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar” (CANDIDO. P. 121)

Para Candido “... É deslumbrante essa navegação no mar alto, esse jorro de imaginação criadora na linguagem, na composição, no enredo, na psicologia”. (CANDIDO, p. 121).

Foram vários os teóricos que resolveram estudar de maneira mais profunda, o estilo rosiano, pois o que não falta em “Grande Sertão: Veredas” é linhas de pesquisa para todos os gostos:

“A observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rustico, - tudo se transformou em significado universal graças à invenção que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: do júbilo, ódio, amor, morte, - para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo”. (CANDIDO, p.122)

Rosa mistura arte e realidade para incrementar o romance, usa tanto o real como também o imaginário e o fantástico, pois ele mesmo sabe que não é possível separar a arte da realidade. Podemos encontrar em Rosa o que Bakhtin fala sobre arte e realidade, segundo o qual:

“Não se pode opor à arte nenhuma realidade em si, nenhuma realidade neutra: pelo próprio fato de que falamos dela e a opomos a algo, nós, como que a definimos e lhe damos um valor; é preciso sermos apenas claro com nós mesmo e compreender o verdadeiro sentido da nossa apreciação”. (BAKHTIN, p. 31)

Segundo Bakhtin “pode-se opor a realidade à arte somente como algo bom ou verdadeiro pode ser oposto ao belo”. (BAKHTIN, p. 31). Isso significa que arte e realidade são inseparáveis, pois uma depende da outra para manter-se fixa.



A narrativa Rosiana apresenta diversas ambiguidades, como mostra Candido:

“Ambiguidade da geografia, que desliza para o espaço lendário; ambiguidade dos tipos sociais, que participam da cavalaria e do banditismo; ambiguidade afetiva, que faz o narrador oscilar, não apenas entre o amor sagrado de Otacília e o amor profano da encantadora “militriz” Nhorinhá, mas entre a face permitida e a face interdita do amor, simbolizada na suprema ambiguidade da mulher-homem que é Diadorim; ambiguidade metafísica, que balança Riobaldo entre Deus e o Diabo, entre a realidade e a dúvida do pacto, dando-lhe o caráter de iniciado no mal para chegar ao bem”. (CÂNDIDO, p. 134,135)

Segundo Candido a diversidade dos planos da ambiguidade “compõem deslizamento entre os polos, uma fusão de contrários, uma dialética extremamente viva”, “que nos suspende entre o ser e o não ser para sugerir formas mais ricas de integração do ser”.(CANDIDO, p.135).

Candido tece comentários ainda sobre arbitrariedade da obra de Rosa, pois para ele “as interpretações são arbitrarias; além disso, iluminam apenas um dos muitos lados da obra, visando a contribuir para que o leitor esqueça ao menos provisoriamente os pendores naturalistas”, visando “penetrar nessa atmosfera reversível, onde se cortam o mágico e o lógico, o lendário e o real”, com o objetivo de “sondar o seu fundo e entrever o intuito fundamental, isto é, o angustiante debate sobre a conduta e os valores que a escoltam.” (CANDIDO, P.135)

Grande Sertão: Veredas, portanto, desperta uma curiosidade quanto a sua criação. Teria, Guimarães Rosa, criado uma obra de arte com um toque de realidade ou uma obra real com um toque artístico. Essa questão nos remete novamente a aproximação entre o mundo real e o mundo da fantasia, arte e ficção. Certamente impossíveis de serem separados, pois os laços que os prendem possuem uma dimensão muito maior do que se possa imaginar. Por este motivo

Sartre afirma que “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele.” (SARTRE, P.21).

3 ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA

Grande Sertão: Veredas é a representação do mais alto nível de construção idealizada por Rosa para representar o típico sertão brasileiro, abordando os aspectos sociais, políticos e culturais. Evidentemente Rosa não hesitou, em nenhum momento, em transferir para sua ficção toda realidade possível e é isso que a torna imortal.

Sendo a obra mais extensa que Guimarães Rosa escreveu, toda a narrativa é realizada pelo personagem Riobaldo que conta sua trajetória percorrida pelo sertão quando ainda era jagunço. O ouvinte, por sua vez, não possui voz, não fala, apenas ouve a narrativa de Riobaldo, o qual atribui ao próprio ouvinte o título de doutor. “inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração”. (G.S. V, p.30) Sua presença na obra é quase que irreparável, pois só podemos percebê-lo devido alguns fragmentos apresentados na fala do personagem.

Guimarães Rosa permeou sua obra de temas universais de questões sociais. O autor transpôs para sua narrativa uma variabilidade de assuntos que podem ser discutidos e analisados por todos os ângulos. Os elementos dispostos em Grande Sertão: Veredas foram inseridos propositalmente e adaptados aos contexto regional, criando uma escrita totalmente poética, surpreendente. Há, portanto, uma mesclaagem da linguagem, uma função, uma associação. Rosa simplesmente uniu o popular com o erudito, certamente tinha sido o casamento mais perfeito, do qual o resultado obtido foi o surgimento de uma nova linguagem, ao linguajar sertanejo. “Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado.” (G.S. V, p. 30).

Em Grande Sertão: Veredas são abordadas as contingências humanas como o amor, a dor, o medo, a solidão, a morte, o bem, o mal, a alegria, a ambição, a solidão, a angústia, a vingança, entre outros. Os conflitos apresentados na obra atingem uma dimensão universal, ultrapassando os limites da ficção.



Rosa também destacou de forma bem visível o lado cruel, malvado ruim do ser humano. A figura do ser perverso e desumano é apresentada logo no início da obra através de micronarrativas que Riobaldo relata ter acontecido pelas redondezas do sertão “o senhor não duvide – tem gente, nesse aborrecido mundo que matam só para ver alguém fazer careta” (G.S.V, p, 28), “Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar consertado.”

O bem e o mal estão diretamente relacionados a existência de Deus e do Diabo:

O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O diabo vige dentro do homem – ou o homem arruinado, ou o homem dos avessos [...] E o demo – que é só assim o significado de um azougue maligno [...] ele está misturado em tudo. Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente aos pouquinhos, é o razoável sofrer.” (G.S.V, p. 26 – 27)

O perigo de viver encontra-se basicamente na grande dimensão da existência humana, no grande sertão que propicia as mudanças, os atos, as ações. O grande sertão é o interior do homem, que o move, que o lança nas diversas experiências em que se sucedem os acontecimentos “viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode estar sendo se querendo o mal, por principiar”. (G.S. V, p. 9). “O mal ou o bem, estão é em que faz; não é no feito que dão”. (G.S. V, p. 81)

Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos aos, dar corpo ao suceder. O que induz agente para más ações estranhas é que agente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabença sabe, não sabe”. (G.S.V, p. 83- 84)

Rosa apresenta em sua obra o homem guiado pelo destino, pelas forças míticas e pela natureza. O homem é conduzido pelos seus desejos, por suas paixões. O caminho a ser percorrido parece-lhe desconhecido, novo, o que tornará ainda mais difícil a travessia:

Sendo isto. Ao doido, doideiras digo. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar.

Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredzinhas”. (G.S.V, p. 84).



A natureza não serve apenas como paisagem colorida pela fauna, pela flora, pelos rios e riachos. A natureza surge também com a função de alertar o homem sobre os perigos que podem ser encontrados pelo caminho, é um sinalizador de possíveis riscos que o homem poderá encontrar pelo caminho, por este motivo não deverá subestimar à força da natureza. Essa, por sua vez, define até que ponto o ser humano será capaz de ir.

Em Grande Sertão: Veredas o bem e o mal pode ser representado ainda pelas personagens Joca Ramiro e Hermógenes. Os dois são os líderes dos bandos de jagunços. Joca Ramiro liderando o bando do bem, considerado homem bom. O Hermógenes líder do bando do mal:

Joca Ramiro era um imperador em três alturas! Joca Ramiro sabia o se ser, governava; nem o nome dele não podia à toa se babujar. O Hermógenes, homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros. Aí, arre, foi que de verdade acreditei que o inferno é mesmo possível”. (G.S.V, p. 154, 156)

Entre todas as contingências humanas abordadas em grande Sertão: Veredas o amor e a amizade entre Riobaldo, Diadorim, ocupam inúmeras falhas do romance.

Juntos enfrentam obstáculos pela travessia, O companheirismo em todos os momentos da jornada desperta sentimento que perturba Riobaldo. Ora gosta do que senti por Diadorim, outro ora não aceita o que senti. Riobaldo vivia um conflito sentimental “eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que a claro, de um amigo se pretende gostar; e, agora, aquela hora, eu não apurava vergonha de me entender um ciúme amoroso.” (G.S.V, p. 26)

“As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim. Fazia tempo que eu não olhava Diadorim me queria tanto bem, que o ciúme dele por mim também se alterava. Diadorim pôs mão em meu braço. DO que me estremei, de dentro, mas repeli esses alvoroços de doçura.” (G.S. V, p. 27, 28)

“De um acesso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, aas loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado ou no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo no final de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar as muitas demais vezes, sempre.” (G. S. V. p, 29)

O sentimento entre Riobaldo e Diadorim aumentava cada vez mais. A distância era incômoda quando os dois se separavam às vezes que o bando precisava se dividir durante as batalhas. Para Riobaldo até o cantar dos pássaros faziam lembrar Diadorim.

Durante a batalha entre o bando do Hermógenes com o bando de Joca Ramiro Riobaldo pode presenciar seu amigo matar o Hermógenes, mas infelizmente perdeu seu amigo, morto em conflitos com o Hermógenes. A dor de Riobaldo em perder Diadorim não foi maior que a surpresa que teve quando descobriu que Diadorim não era homem e sim uma mulher.

“Sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. Mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher . Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos.” (G.S.V. p, 530)

Para Riobaldo a morte de Diadorim marcou o fim da sua vida de jagunço, pois depois da morte de seu amigo, o mesmo decide abandonar o bando e voltar para vida que levava antes. O seu retorno para casa o fez reencontrar Otacília, com quem veio a se casar mais tarde:

“minha Otacília ainda se orçava mais linda, me saudou com o saudável carinho, adiante de amor. Mas eu disse tudo. Declarei muito verdadeiro e grande amor que eu tinha a ela; mas que por destino anterior, outro amor, necessário também, fazia pouco eu tinha perdido, o que confessei. E eu, para nojo e emeda, carecia de uns tempos. Otacília me entendeu, aprovou o que eu quisesse. Por Otacília eu estava apaixonado.” (G.S.V. p, 534)

Podemos perceber então, que a dimensão metafísica encontrada em Grande Sertão: Veredas é muito complexa e ampla não fugindo da realidade possível. O que se pode perceber, na obra, e que o homem é vulnerável ao mundo que o cerca, que o rodeia e isso ninguém pode mudar, pois o seu destino já foi traçado e desse não poderá fugir. “esta vida está cheia de ocultos caminhos” (G.S.V. p, 132) “o destino da gente às vezes conversa, sussurra, explica, até pede para na se atrapalhar o devido, mas ajudar”. (G.S.V. p, 351).

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance. 6 ed. São Paulo: HUCITEC, 2011.
- CÂNDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 8 ed. São Paulo: T.A Queiroz; publifolha, 2000.
- LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, 1976.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SARTRE, Jean- Paul. “Que é escrever?” In _____ O que é literatura? Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.

Para citar este artigo

MARINHO, Maria Aparecida Silva. O Espaço e o Tempo em “Grande Sertão: Veredas”. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 2, p. 81-101, ago. 2013